

A construção de comunidades em cursos de EaD – condição para o sucesso.

Elizabeth Vargas de Souza (evargues@uninet.com.br)
<http://lattes.cnpq.br/4651448405701850>

“Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.”

Pierre Lévy, *Cibercultura*, p. 127.

INTRODUÇÃO

Seguindo a atual tendência de utilização maciça das novas tecnologias da informação e da comunicação para fins educacionais, várias instituições de ensino vêm desenvolvendo cursos on-line destinados aos mais diversos fins, sejam estes acadêmicos ou de atualização profissional. Alguns destes cursos são oferecidos parte on-line e parte presencialmente, enquanto outros são cumpridos inteiramente no ambiente virtual. Contudo, para que tal empreendimento venha a obter êxito, inúmeros são os fatores a serem levados em consideração, variando desde a viabilidade econômica do projeto até a escolha de uma metodologia que atenda às expectativas, interesses e necessidades dos alunos que irão interagir em um ambiente de aprendizagem com demandas tão específicas.

Uma das necessidades mais prementes em cursos que tem como linha pedagógica uma abordagem construtivista, que privilegie um ambiente colaborativo de aprendizagem, é o de proporcionar meios para que esta venha a se desenvolver. Um desses meios é, indubitavelmente, o de criação e, principalmente, manutenção de comunidades de aprendizagem.

Assim, este trabalho objetiva investigar quais seriam as condições necessárias para a criação de comunidades de aprendizagem, como elas se constroem e se desenvolvem. Desta forma, através do exame de exemplos retirados de fóruns de discussão de um curso on-line, teremos a oportunidade de verificar como este processo ocorre.

COMUNIDADES DE APRENDIZADO, COMUNIDADES SOCIAIS.

Segundo Bauman (2003), a palavra comunidade nos remete sempre a alguma coisa boa, um lugar confortável e aconchegante, um lugar onde

podemos nos sentir seguros e contar com a boa vontade dos outros, enfim, como nos coloca o autor, o paraíso perdido, ou aquele que esperamos um dia ainda encontrar, apesar da impossibilidade de isto vir a acontecer. Tal impossibilidade se dá pelo conflito que existe entre estar em comunidade, em segurança e confortavelmente, e o risco de se perder a liberdade, “a autonomia, o direito à auto-afirmação e a identidade” (Bauman, 2003, p. 10). Tal equação será sempre de difícil solução, se é que um dia haverá alguma, mas nem por isso abdicar-se-á da tentativa.

Desta forma, partindo desta concepção de comunidade como a de união, ajuda mútua, cooperação, interação, mas, igualmente, como um lugar de conflitos, no qual várias identidades convivem e negociam significados, podemos começar a pensar em que tipo de comunidade espera-se criar quando consideramos um ambiente de aprendizagem on-line.

Em termos de aprendizagem, Palloff & Pratt (1999) destacam o que consideram de extrema importância quando se distingue a aprendizagem mediada por computador do ensino tradicional:

Para o processo de aprendizagem, a interação entre estudantes, entre docentes e estudantes e a colaboração na aprendizagem que resulta desta interação são elementos-chave. Em outras palavras, a formação de uma comunidade de aprendizagem através da qual o conhecimento é comunicado e o significado é coletivamente criado estabelece a plataforma para resultados bem sucedidos de aprendizagem...

Neste processo uma teia de aprendizagem é criada. Em outras palavras, uma rede de interação entre instrutor e outros participantes é formada, através da qual o processo de aquisição do conhecimento é colaborativamente produzido. (Palloff & Pratt, 1999, pp. 5-6 in Azevedo, 2000,sp)

Portanto, é a partir da criação desta teia de aprendizagem que a comunidade começa a se definir como tal, passando a ser o veículo através do qual esta irá se realizar. Assim sendo, o sucesso de um curso on-line dependerá do apoio e da participação efetiva do grupo.

Palloff & Pratt (1999) sustentam que as comunidades de aprendizagem on-line, para serem reconhecidas como tal, necessitam satisfazer as seguintes condições:

Objetivos comuns a todos os seus membros;

Centralização dos resultados a serem alcançados;
Igualdade de direitos e de participação para todos os membros;
Definição em comum de normas, valores e comportamentos na comunidade;
Trabalho em equipe;
Professores assumem o papel de orientadores e animadores da comunidade;
Aprendizagem colaborativa;
Criação ativa de conhecimento e significados de acordo com o tema de interesse da comunidade;
Interação permanente.
(Pallof & Pratt, 1999 in Kenski, 2003, p. 31).

Brown (2001) aponta ainda outras etapas para a formação de comunidades on-line, que esta resume da seguinte maneira:

Comportamento modelado pelo professor;
Conforto dos alunos com a tecnologia, pedagogia e conteúdo do curso e com a interação à distância;
Incorporação das atividades da classe on-line ao horário dos alunos;
Encontro de semelhanças sobre as quais trocar idéias;
Necessidade acadêmica e pessoal de fazer parte de uma comunidade;
Estabelecimento de amigos (e/ou conhecidos on-line);
Aceitação da comunidade pelo participante;
Experiência de relações de camaradagem.
(Brown, 2001 in Tavares, 2003, p. 134)

Todos os pontos mencionados acima são de extrema importância quando se tem em foco a criação de uma comunidade de aprendizagem, porém o incentivo e a facilitação de redes sociais são igualmente importantes como estratégia para a manutenção e desenvolvimento da própria comunidade de aprendizagem.

Segundo Tu & Corry (2002), uma comunidade é antes de tudo um processo social. Hiltz (1998, in Tu & Corry, 2002) diz que a presença social no ambiente de aprendizagem on-line é necessária para manter a atividade na comunidade e que esta é um fator crítico que tem o poder de afetá-la.

De acordo com a teoria de Vygotsky, a interação social é um componente chave para o aprendizado social. A comunicação mediada por computador (CMC) se volta principalmente para a interação social (Reid, 1991), porque seus usuários percebem um alto nível de presença social (Walther, 1995). Em comunidades de aprendizado on-line os participantes concordaram haver muitas mensagens pessoais e sociais. Devido a um alto nível de presença social criada pelo professor/moderador, a interação social foi

intensificada e o aprendizado social foi ampliado. (Gunawardena & Zittle, 1997 *in* Tu & Corry, 2002, p. 5)¹

Mantendo o foco na socialização on-line, Berge (2006) examina os três elementos que a compõe – a interação, a presença on-line, e a construção do conhecimento.

Segundo o autor, o termo interação tem muitas vezes sido usado de forma imprecisa, sendo este frequentemente confundido com socialização, o que não necessariamente se aplica. Para Berge, a interação é um aspecto da socialização e pode ser usado como medida desta. Contudo, o termo socialização tem uma implicação muito mais ampla, não sendo, por exemplo, mera troca de informações entre os alunos. Assim, ainda de acordo com Berge, “o valor da interação no aprendizado on-line está em suas contribuição à habilidade dos participantes (alunos e professores) em estabelecer um senso de estar no ambiente virtual, sendo que esta é a idéia da presença on-line”, sendo que aqui entende-se por presença on-line a criação de relacionamentos e de conexão com os outros participantes.

Assim sendo, tanto a interação quanto a presença on-line são ferramentas cujo objetivo é o de atingir a construção do conhecimento social. Este sim, é o propósito final de uma comunidade de prática (Wenger, 1998), que se caracteriza como “grupos que partilham de objetivos e interesses parecidos e que, devido a isso, empregam práticas comuns, trabalham com as mesmas ferramentas e se expressam através de uma linguagem comum. Através destas atividades comuns, estes acabam por partilhar crenças e sistemas de valores semelhantes.”² (Collaborative Visualization Project, 2000; Wenger, 1998 *in* Tu & Corry, 2002, p.7). Assim entende-se comunidade de prática como um construto social, que se define simultaneamente tanto por seus membros quanto pelas práticas em que estes se engajam.

1 “Social interaction is a key component in social learning according to Vygotsky's theory. CMC is devoted primarily to social interaction (Reid, 1991), because its users perceive a higher degree of social presence (Walther, 1995). In OLC, participants agreed that there were many social and personal messages; because of the high degree of social presence created by the teacher/moderator, social interaction was enhanced and social learning was increased.” (Gunawardena & Zittle, 1997, tradução minha).

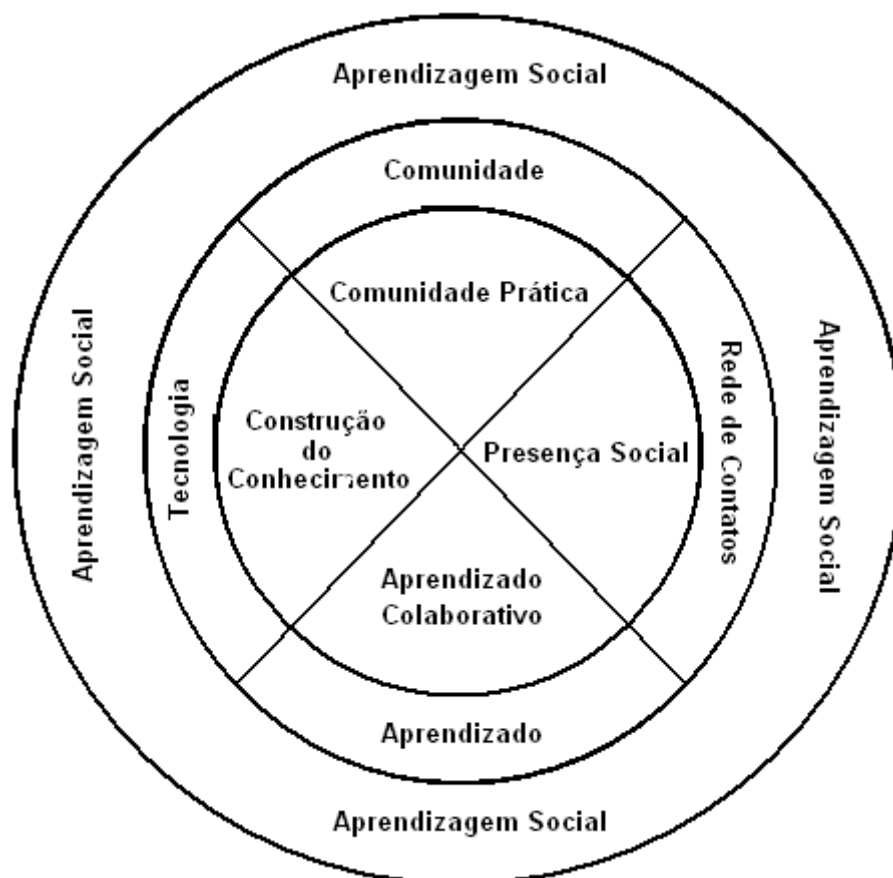
2 “CoPs are groups who share similar goals and interests; and, in doing so, employ common practices, work with the same tools and express themselves in a common language. Through such common activity, they come to hold similar beliefs and value systems”. (Tradução minha)

São vários os fatores a serem levados em conta quando da construção de uma comunidade de aprendizagem on-line bem sucedida. Lock (2002, in Berge, 2006) considera que a oportunidade de interagir com outros alunos, compartilhando, construindo e negociando significados é o que leva à construção de conhecimento.

Existem pontos importantes a ser levados em conta quando se pensa na formação de uma comunidade de aprendizagem on-line, tais como apoio, confiança, objetivos comuns e, somando-se a isto, a responsabilidade que cada um precisa ter por seu próprio aprendizado, assim como pelo aprendizado dos outros membros do grupo. Esta última é uma questão normalmente não considerada ou, no mínimo, relegada a segundo plano, quando se investiga os requisitos considerados essenciais para a formação de uma comunidade de aprendizagem. Sem dúvida o desenvolvimento da autonomia, do aprender a aprender por parte de cada aluno é parte essencial do processo, porém, se a comunidade não se responsabiliza pelo crescimento e aperfeiçoamento desta como um conjunto, todas as relações e práticas que ali se desenrolam, enfim, a própria comunidade corre o risco de ser prejudicada – afinal não se pode esquecer que esta é uma construção social. Tal visão coaduna-se com a de Lévy (1999), que vê na interconexão de todos com todos o fator que vem a favorecer os processos de inteligência coletiva nas comunidades virtuais, entendendo por inteligência coletiva o resultado do esforço de cada um para pensar em conjunto.

Outro ponto levantado por Lock (in Berge, 2006) diz respeito à fluidez destas comunidades, que são mais processo do que produto. O que importa realmente é o conhecimento construído em conjunto, e não o resultado, o produto final deste processo.

Tu & Corry (2002) expressam de forma clara e concisa, através da estrutura teórica esboçada a seguir, o que seria uma comunidade de aprendizagem on-line.



Estrutura de uma comunidade de aprendizagem on-line (Tu & Corry, 2002, p.6)

Este modelo, como já mencionado anteriormente, contempla com clareza a estrutura de uma comunidade virtual de aprendizagem, onde a aprendizagem social encontra-se na base de todo o processo, dando suporte e sustentação, até finalmente chegar-se à construção do conhecimento, o qual está diretamente relacionado ao aprendizado colaborativo, que se faz possível devido à construção contínua de uma comunidade de prática que se sustenta, entre outras coisas, pela presença social.

O PROFESSOR/TUTOR – PEÇA ESSENCIAL NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

Apesar de indispensáveis para o sucesso de um curso on-line cuja abordagem seja construtivista, a criação de comunidades de aprendizagem não acontece naturalmente, de forma fortuita, mas sim precisa ser fomentada. E é por isso que um bom trabalho de tutoria é de fundamental importância para o êxito de um curso em ambiente virtual.

A própria forma de interação no ambiente on-line pode se constituir em uma barreira para a criação das comunidades sociais. Muitos alunos encontram dificuldades em comunicar-se eficientemente em um ambiente que prescinde de pistas de contextualização não lingüísticas. Outros, como diz Berge (2006), se sentem frustrados por não terem uma resposta imediata às suas questões, pois, numa estrutura assíncrona, na grande maioria da vezes estes precisam esperar até que alguém escreva em resposta.

Além disso, a grande quantidade de texto a ser lido, assim como a falta de sincronia na mudança de turnos, também pode ser um fator complicador para muitos alunos, principalmente para aqueles que preferem expressar-se oralmente.

Por todos estes motivos, o professor/tutor tem papel preponderante na formação (e incentivo) das comunidades de aprendizagem. A este cabe fomentar as discussões quando estas parecem ter se esgotado ou tomado um rumo muito diferente do proposto, a familiarização dos alunos ao ambiente e a promoção de oportunidades para que os próprios alunos conduzam as atividades de forma a tornarem-se sujeitos de seu próprio aprendizado. Enfim, o professor/tutor é aquele que está sempre por perto, observando, pronto a ajudar quando solicitado ou julgar necessário, mas sem jamais impor sua presença ou colocar-se na posição de detentor do conhecimento. Portanto, uma de suas tarefas mais importantes é a de promover a criação e, principalmente, a manutenção das comunidades sociais sem as quais dificilmente haverá aprendizagem on-line. Segundo Brookfield (1995), “os professores desse novo paradigma devem promover um senso de autonomia, iniciativa, e criatividade enquanto encorajam o questionamento, o pensamento crítico, o diálogo e a colaboração”. (Brookfield, 1995 *in* Pallof & Pratt, 1999, p.29).

CRIANDO UMA COMUNIDADE SOCIAL – FÓRUNS ELETRÔNICOS EM UM CURSO DE EAD.

Os fóruns que ilustram este trabalho fazem parte de um curso on-line, cujo grupo foi formado, inicialmente, por aproximadamente 40 alunos.

Abaixo temos a oportunidade de verificar algumas das mensagens postadas num fórum cujo nome em si já é bastante sugestivo – *Fórum*

social(izante). Este fórum foi de iniciativa dos próprios alunos, ainda no início do curso. As mensagens tratam de assuntos do cotidiano de cada um, de informações pessoais, enfim, de trocas e interações informais, que tiveram como objetivo promover, a partir da criação de laços mais estreitos entre os participantes do curso, uma maior aproximação entre todos os cursistas, o que mais tarde se traduzirá em uma maior interação e conseqüente aprendizado por parte dos mesmos. Este foi sem dúvida o começo da criação de uma comunidade social e da posterior identidade do grupo.

Ressaltamos que tanto os nomes dos alunos quanto os dos tutores foram modificados de forma a garantir a privacidade e o anonimato dos mesmos.

1. **Forum Social (izante)**

Carlos,
conversando com o Rui, tivemos a seguinte idéia, que tal?
(Não sei se podemos considerar isto como informações pedagógicas)
Evandro

2. Ei, Rui,

você tem uma música digitalizada de sua banda que possa nos enviar?
Acho que seria interessante experimentar a interação extra-curricular para promover mais integração, concorda?
Quem sabe propomos um Fórum Social(izante). Afinal de contas, em toda sala de aula existem conversas paralelas
Abcs, Evandro

3. Boa, Evandro!

Tenho algumas música aqui no meu computador, mas não sei se o tamanho permite que eu disponibilize. Podemos tentar.
Veja se vc consegue ouvir a partir desse link:
www.fotolog.net/carolinasennegal.
E, eu acho essa idéia de um fórum mais, digamos, livre e descontraído sensacional.
Abraços...

4. Está endossado!!! rs...

Abraços...
Rui

5. Será realizada, no Rio de Janeiro, de 03-dom a 06-qua/set/2006, a 22ª

Conferencia Mundial de Educação à Distância
<http://www.icde22.org.br/portugues/> (realização ICDE <http://www.icde.org/>)
junto com o 13º Congresso Internacional de Educação à Distância (realização ABED www.abed.org.br). Imperdível! Preparem suas agendas.
Quem sabe aproveitamos o "feriado" exploramos os dois eventos e trocamos mais nossas experiências num encontro presencial?

6. Valeu a dica, parceiro!

É uma excelente oportunidade, mesmo!
Lauro

7. Não, ninguém se manifestou, nem o Carlos (a favor ou contra).
Mas tudo bem, quem sabe esta não seja uma maneira de quebrar os paradigmas da EAD? [...]
Como eu não toco música, mas adoro ouvir, procurarei algumas fotos da minha casa, meus cães ou das caminhadas que faço.
Mas, convenhamos, o "idioma" música é universal.
[...]

Como podemos observar em uma das mensagens, o tutor, de nome Carlos, não se posicionou nem contra nem a favor do fórum. Desta forma, os cursistas resolveram interpretar tal fato como sendo uma resposta positiva, e seguir em frente com a proposta.

Nos exemplos retirados do fórum a seguir, um outro mediador, a tutora de nome Maria, propõe um trabalho em grupo, a ser realizado de forma colaborativa, inclusive fazendo uso de um *chat*, o que exige dos alunos, além de mais organização, uma interação mais intensa, pois estes farão uso de uma ferramenta síncrona. O que se percebe é que estes prontamente tentam criar seus grupos a fim de cumprir com o trabalho proposto. É importante observarmos que a proposta de trabalho foi postada no dia 25 de setembro, mas que os grupos só estavam fechados por volta do dia 28. Percebe-se então claramente que as atividades que requerem a formação de grupos, com a colaboração ativa para o cumprimento de tarefas, tais como o *chat* e a elaboração de texto em grupo, demandam muito mais empenho e boa vontade por parte dos alunos que interagem em um ambiente virtual de aprendizagem do que daqueles que encontram-se em uma sala de aula presencial. Por isso a importância crucial dada à criação de comunidades de aprendizagem, pois, sem estas, uma tarefa deste tipo seria muito mais difícil de ser cumprida, se é que efetivamente seria, o que, conseqüentemente, afetaria não só o aprendizado, como também a proposta inicial do curso. Tal constatação vai ao encontro da afirmação de Pallof & Pratt (1999) de que os membros de uma comunidade de aprendizagem dependem uns dos outros de forma a atingir os resultados propostos.

1. **Formação de grupos de trabalho por Maria**
Orientações para o desenvolvimento do trabalho:

- 1) Organizem-se em grupos de cinco pessoas. E depois combinem no chat como será o desenvolvimento do trabalho.
2) Construa o texto em conjunto com seus colegas de grupo utilizando o Wiki.
3) Uma vez construído o texto, um dos integrantes do grupo publica o texto no fórum (com a assinatura dos outros participantes do grupo) para ser visualizado pelos outros colegas.
Observação: Como o Wiki é uma ferramenta de edição cooperativa de uso síncrono, para não correr o risco de perder seu trabalho, escreva-o em Word e depois copie para a tela do Wiki.
2. Olá, Ana, Evandro, Teresa e colegas. Estou disponível para formar o grupo de 5 para esta tarefa. Abs
3. Olá, Maria! Olá, Turma!
Cristiana, nossa proposta está de pé? Odete, Ana que tal formarmos um grupo?
Mais alguém para fazermos o trabalho?
Abraços a todos
4. Olá Anita, posso participar do seu grupo?
Abçs
Patrícia
5. Que ótimo, Odete!
Vai ser muito bom trabalhar com vocês!!!!
[...]
Estou online 2as, 4as e 6as (6as até às 14h30) e 3as e 5as pela manhã...
Vamos à luta!!!!
Abraços!!! E obrigado!
Lauro

No próximo fórum os alunos discutem a questão da interatividade a partir de um texto de Cláudia Landim. Por estarem vivenciando a situação, eles certamente são mais capazes de entendê-la, inclusive assumindo uma posição crítica frente ao processo, como podemos verificar na mensagem de Odete.

1. Interatividade - por tutora Maria
Turma A,
Voltamos ao tema da interatividade que é de grande importância na Educação a Distância. Para motivar o debate, temos as idéias de Claudia Landim, que considera que a interação em EAD não se dá apenas entre o aluno e material instrucional, alunos entre si, alunos e tutor, alunos e instituição de ensino. Dá-se, também, entre os demais elementos que compõem o universo do aluno, [...] (Landim, C. Educação a Distância: algumas considerações, 1997).
Abraços,
Maria
2. Olá!
Maria, bem interessante esta colocação da Claudia Landim! Realmente, são tantos os fatores que cercam o aluno, a interação, a aprendizagem, a tutoria, a evasão, a conclusão de um curso, ainda mais se ele é feito a distância, quando tudo se complica... [...]

Por outro lado, vejo que a EAD tem mais flexibilidade para se driblar a grande maioria desses mesmos fatores quando isso é realmente possível e, acima de tudo, desejado.

Porém, afirmo mais uma vez que EAD não é para todos. Tem que se ter muita disciplina, determinação, força de vontade, organização e acesso. E gostar, ter afinidade com as tecnologias, pois esta é uma modalidade de ensino diferente, onde o aluno é totalmente responsável pela sua própria dedicação, participação e aproveitamento, e isto é muita responsabilidade!

Abçs, Odete

3. Olá para todos!

Odete, você mandou bem de novo...

Ainda não podemos dizer que EaD seja para todos. A própria Sociedade ainda é excludente, sectária e, no mais das vezes, indiferente aos apelos e necessidades sociais.

A interatividade é condição para a própria existência no mundo atual. [...]

Sobrar para o Tutor? Acredito que o Tutor seja co-responsável neste processo [...]

Abraços a todos!

Lauro

Apesar do termo *comunidade* não ter sido usado no sentido de ser um passo além ao conceito de interatividade, de certa forma esta já se insinua na mensagem do aluno Lauro, escrita abaixo, quando este se refere à empatia mediatizada, sensibilidade, e contribuições de todos nós.

1. Oi, Turma!

Essa empatia mediatizada, ou quem sabe, "mediatizada" é condição importantíssima para que o curso não despenque. Saber a hora certa de motivar, estimular, "cutucar" mesmo...não é para qualquer um!

Já falamos anteriormente sobre "timing", sensibilidade e tantas outras características e atributos que sentimos ser importantes para todos os participantes (aprendentes / ensinantes) e, em se tratando de interatividade, a necessidade destes atributos fica mais evidenciada.

Vocês já imaginaram este curso sem as contribuições de todos nós???

O que aconteceria?

Abraços!

Lauro

Quanto ao trabalho da tutoria, em três dias foram postadas quatro mensagens, o que sinaliza a preocupação e afincamento da tutora em acompanhar os debates.

Na primeira mensagem, postada no dia 18 de outubro, além de comentários sobre o que tinha sido discutido até então, esta incentiva e dá apoio a um aluno que retorna ao grupo "*fico muito feliz com esse seu retorno. E pelo seu desempenho tenho certeza que você vai chegar lá*". Na segunda mensagem, postada no mesmo dia, dá um leve "puxão de orelhas" em um

aluno por este não ter citado as fontes quando escreveu sua mensagem, o que ela faz prontamente, além de cobrar também um posicionamento crítico por parte do aluno, como podemos observar na mensagem abaixo.

1. Por Maria

Este espaço é para vocês emitirem seus posicionamentos e pensamentos pessoais, pois somente com um diálogo legítimo, [...] Sabemos que é sempre bom buscar embasamento com textos e falas de especialistas no assunto, mas sem esquecer de citar as fontes. [...] ficou faltando seu posicionamento.

Abraços, Maria

O que pode se perceber é quão importante (e intenso) é o trabalho de tutoria na manutenção de uma comunidade de aprendizagem. Sem a presença atenta do tutor, apesar da forte interação e dos fortes laços sociais entre os alunos, todo um trabalho pode ser colocado em risco. Na mensagem abaixo, Lauro demonstra profunda insatisfação quanto ao trabalho de um dos tutores, cuja ausência é criticada pelo mesmo.

1. Por Lauro

Será que estou errado?

Onde estão os todos aqueles posicionamentos críticos e inflamados desta turma? Onde estão todos? Onde está o Tutor que pouco aparece? [...]

E somente pelos debates acalorados que me incentivaram durante todo o tempo é que estou aqui.

Abraços a todos!

Lauro

Perpassa na fala do aluno a constatação de que tal fato tem reflexos diretos na coesão do grupo, assim como na quantidade e qualidade das interações, enfim, na comunidade de aprendizagem como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos verificar nos fóruns analisados, a criação de comunidades de aprendizagem on-line torna-se condição *sine qua non* para o sucesso de um curso que envolva uma abordagem construtivista, mais ativa e colaborativa. Devemos pensar no que Pallof & Pratt (1999) nos apresentam como sendo uma “pedagogia eletrônica”, ou a arte de ensinar on-line, que estes entendem como o desenvolvimento das habilidades envolvidas na construção de comunidades de modo a maximizar todo o potencial que este meio oferece para a educação.

Partilho da visão de Tu & Corry (2002) quando estes observam que é preciso que se desenvolva um olhar crítico no que concerne à formação de

comunidades de aprendizagem no ambiente virtual, procurando sempre um melhor entendimento de como estas funcionam, como se desenvolvem e evoluem, no sentido de integrar, definitivamente, as novas tecnologias às oportunidades de aprendizado do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGE, Z.L. The role of the online instructor/facilitator. Disponível on-line no site: http://www.emoderators.com/moderators/teach_online.html (acessado em 11/2007).

BROWN, R.E. The process of community-building in distance learning classes. *Journal of Asynchronous Learning Networks (JALN)*, vol 5, issue 2, September, 2001.

COLLINS, H. & FERREIRA, A. (orgs.) *Relatos de Experiência de ensino e aprendizagem de línguas na Internet*. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2004.

HARRIS, R. AND MUIRHEAD, A. Online Learning Community Research – some influences of theory on methods. Disponível em: http://www.networkedlearningconference.org.uk/past/nlc2004/proceedings/symposia/symposium7/harris_muirhead.htm Acesso em: 12/2007.

IRWIN, C. & BERGE, Z. Socialization in the Online Classroom. Disponível em: http://www.usq.edu.au/electpub/ejst/docs/vol9_no1/papers/full_papers/irwin_berge.htm Acesso em: 12/2007.

KENSKI, V.M. *Novas Tecnologias na Educação Presencial e a Distância*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed.34, 1999.

_____. *Educação e Cibercultura*. Disponível em: www.leffa.pro.br/textos/Pierre_Levy.pdf Acesso em: 08/2008.

PALLOFF, R.M. & PRATT, K. Defining and redefining community. In: PALLOFF, R.M. & PRATT, K. *Building Learning communities in cyberspace: Effective strategies for the online classroom*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999. p. 21-32.

_____. What we know about electronic learning. In: *Building Learning Communities in Cyberspace: Effective Strategies for the online classroom*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999. p. 33-45.

SAMMONS, M. Exploring the new conception of teaching and learning in distance education. In: MOORE, M & ANDERSON, W. (eds). *Handbook of Distance Education*. Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 387-397.

TAVARES, K.C.A. *Novas Tecnologias, Novas Linguagens – Formando Comunidades de Aprendizagem On-line Para o Ensino de Línguas*. In: Silva, I.A. & Monteiro, M.J.P. (orgs). *Caderno de Letras 20*. Revista do Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, pp. 129-136.

TU, C.H. AND CORRY, M. Research in Online Learning Community. Disponível em: <http://www.usq.edu.au/electpub/e-jst/docs/html2002/pdf/chtu.pdf> Acesso em 11/2007.

WEGERIF, R. The social dimension of asynchronous learning networks. Journal of Asynchronous Learning Networks (JALN), v.2, n.1, p. 34-49, 1998. Disponível em: <http://www.sloan-c.org/publications/jaln/v2n1_wegerif.asp> Acesso em: 09/2008

WENGER, E. Communities of Practice: learning, meaning and identity. New York: Cambridge University Press, 1988.

SOBRE A AUTORA

Elizabeth Vargas de Souza é graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, possui especialização em Língua Inglesa pela mesma universidade, e em EaD pelo SENAC. É mestre em Lingüística Aplicada pela PUC-Rio e atualmente cursa o doutorado na mesma universidade, tendo especial interesse nas áreas de lingüística aplicada, análise do discurso e educação a distância.

